

Ensaio sobre uma Idade Média Oriental: Uma trajetória dos estudos do Mundo Árabe Medieval no Brasil no século XXI

Dandara Arsi Prenda

Doutoranda UFF/CNPq

Email: dandara2@gmail.com

Resumo:

Este ensaio, pensado para a edição do encontro de historiadores pela ANPUH-2019 com a temática “História e o futuro da educação no Brasil” visa traçar uma análise sobre a historiografia árabe medieval e seus estudos no Brasil, no século XXI. Seguindo o caminho aberto pelo mercado editorial nos anos 50, que promoveu uma série de obras ligadas aos estudos do mundo árabe, este balanço propõe uma exploração desta historiografia árabe medieval e das demandas que surgiram deste movimento no Brasil, visando refletir a importância dos estudos do oriente medieval e suas atuações nos diversos seguimentos de ensino no país.

I.

Diferente dos estudos relacionados a Idade Média Ocidental europeia, as pesquisas ligadas a temática oriental tiveram na metade do século XXI com a busca por obras, principalmente, do gênero narrativo. Nos anos 50 se protagoniza uma onda eufórica nacionalista no Oriente culminando no surgimento do pan-arabismo. Este período foi marcado por intensas manifestações ligadas à criação de uma nação árabe unificada, ideia propagada pela nacionalização do canal de Suez e pela integração entre os presidentes do Egito e da Síria através de uma breve integração. Estas iniciativas chamaram atenção para o Oriente, não só no tocante às demandas políticas, como também despertaram o interesse dos pesquisadores para outras áreas de conhecimento. De acordo com Miguel Attie Filho *“esta é uma tendência do mercado editorial, não só o brasileiro. A partir da década de 1950, houve um aumento na busca e procura por*

textos de origem árabe, persa, indiana, e também uma abertura para a pesquisa”. É a partir deste período que se observa um crescente número de obras de origem oriental sendo difundidas e traduzidas, principalmente no Brasil.

Entre a década de 50 e 60 também é possível notar a aparição de produções e pesquisas no Brasil que contemplavam temáticas acerca do Oriente medieval nos cursos de pós-graduação no Brasil e nas publicações e edições de fontes e livros traduzidos para o português no mercado editorial.

Desta forma, temos os estudos de A.S. Ayad e sua principal obra de cunho geral intitulada *A Civilização árabe* que, na década de 60 trouxe contribuições, principalmente, sobre a história política e a construção da religião islâmica.

Já no início da década seguinte, os estudos sobre o mundo árabe lançam olhares específicos para o período medieval, surgindo pesquisas como a de Juan Vernet, que faz um estudo sistemático, através do diálogo entre a história e literatura, acerca da literatura árabe, desde a poesia até a prosa. Também nos anos 70, temos as obras de Mário Curtis Giordani e Robert Mantran que apresentam uma síntese da história da civilização árabe medieval vista em seus principais aspectos políticos, sociais, econômicos, literários, e, sobretudo, religiosos.

Outro importante historiador de referência para os estudos gerais do Oriente islâmico é o pesquisador Albert Hourani, que na década de 90, lança sua obra intitulada *“Uma história dos povos árabes”*. Este estudo é uma obra de síntese que traz uma visão geral do mundo árabe desde a sua criação até a contemporaneidade. Seu conteúdo contempla um período bastante extenso, contudo, o autor dialoga a todo instante com as diversas áreas das ciências sociais como a antropologia e a filologia, assim tal obra aparece como um dos parâmetros para a trajetória de estudos do mundo árabe.

Entre as muitas pesquisas lançadas, também convém acentuar Bernard Lewis. Lewis possuiu umas das mais importantes discussões sobre o termo “árabe”, que apontando algumas direções que esta discussão pode levar como, por exemplo, o uso da palavra árabe para designar uma nação ou mesmo nacionalidade, no sentido legal. Um indivíduo que é identificado oficialmente como árabe pode ser oriundo de vários Estados como os do norte da África, ou mesmo dos Emirados Árabes, como também do

Iraque, Irã, da Síria, da Jordânia, e vários outros Estados de identificação árabe. Contudo, em pleno século XXI ainda não temos um Estado propriamente árabe.

Por esta discussão ainda ser uma das principais controversas para os estudiosos da área, convém ressaltar que muitos filólogos apresentam a língua como um fator de unificação para esse grupo de indivíduos. À primeira vista, como afirma Lewis, esta solução é satisfatória; contudo, o recurso linguístico não abrange a arabicidade de judeus e cristãos. Contudo, apesar das discussões de Bernard Lewis datarem da década de 90, muitas delas ainda se encontram em voga em pelo 2019, nos permitindo entender tanto os conflitos atuais quanto os do medievo. Assim, podemos entender que esta discussão nos interessa quando pensamos que a sociedade árabe, desde a Idade Média, é composta por um mosaico cultural, no qual o governante precisava de muitas estratégias e manejo político para administrar um império tão multifacetado.

Outra contribuição importante para o cenário da nova historiografia árabe medieval é a Prof.ª Dr.ª Karen Armstrong na década de 90. Seus estudos em torno do elo entre as três grandes religiões monoteístas traçam um panorama importante para o estudo do cenário medieval como um todo. Um de seus importantes trabalhos é um estudo biográfico de Maomé (ARMSTRONG, 2001), que faz um resgate das obras produzidas pela tradição antiga. Armstrong faz um importante retrospecto da forma como o Ocidente retratou Maomé, por meio de sua literatura, desde a época medieval. Ao longo desta e de outras obras como *O Islã* (ARMSTRONG, 2001), a autora procura desmistificar estigmas que ainda pairam sobre a figura de Maomé, e, conseqüentemente, da religião por ele fundada. A autora trabalha com orientistas como Humphrey Prideaux e Johann Jakob Reiske, reforçando a ideia trabalhada por Edward Said, referente ao papel ideológico do orientalismo forjado através dos fatores políticos e sociais de cada época.

Contudo, quando pontuamos as produções no Brasil é possível perceber que o interesse por esta historiografia se iniciou posteriormente e caminha a passos lentos. As principais contribuições anteriores à primeira década dos anos 2000 se deram por meio do intercâmbio entre as ciências políticas, letras, filologia e história. Os esforços conjuntos destas áreas produziram estudos importantes que contribuíram para gerar um maior interesse pelas temáticas do mundo árabe.

Um dos principais e importantes exemplos é o trabalho de Beatriz Bíssio. Sua pesquisa prioriza a percepção espacial do mundo árabe, trazendo as perspectivas da cidade islâmica retratadas nas fontes de Ibn Khaldun e Ibn Batuta. Segundo Beatriz

“o mundo muçulmano medieval identificava-se como uma unidade, cujos limites coincidiam com os do Islã, referência maior de inclusão cultural, política e social associada explicitamente ao lugar próprio da civilização.” (BISSIO, 2007)

Com isso, seu trabalho nos ajuda a compreender a concreta ligação entre o religioso e o político no medievo árabe e a posição do governante nos primeiros anos do Califado Abássida quando o governante era também o إمام¹.

A mais recente contribuição no sentido de uma tentativa de abarcar o panorama amplo da cultura árabe é a obra “O Islã Clássico” (PEREIRA, 2007). Organizado por Rosalie Helena de Souza Pereira, o livro possui a proposta de dedicar a uma gama de variedades de temáticas, selecionando alguns tópicos muito bem elaborados, indicando algumas trajetórias do pensamento relativo ao período formativo do Islã, apresentando assim, as pesquisas mais recentes em diversas categorias de trabalhos acadêmicos. Ele se divide em seis partes que auxilia no preenchimento de algumas lacunas na compreensão da civilização árabe.

A primeira parte apresenta dois ensaios, o primeiro sobre a língua árabe e o segundo sobre a poesia pré-islâmica. Estes dois trabalhos inserem-se num cenário ainda bastante conturbado do povo árabe, que ainda é pagão e tribal, mas que já traziam consigo uma longa história e importantes tradições.

Na segunda parte há uma tentativa de recuperar as grandes linhas do elemento fundador do Islã, focalizando na elaboração, no conteúdo e no estatuto do principal polo referencial da religião islâmica, o *Corão*. São apresentados dois ensaios em que são analisadas as divisões nascidas no interior do Islã, a posição dos teólogos racionalistas e a defesa do Islã sunita.

Com a terceira parte, os dois ensaios apresentam temas muito pouco conhecidos pelos ocidentais, o Direito islâmico (*fiqh*) e a política. Como afirma Ibn Khaldūn, “*fiqh é o ato de extrair das raízes e das fontes as normas prescritas pela Lei revelada*

¹ Imã, líder religioso.

(*Šarīha*) para que, em suas ações, o muçulmano cumpra suas obrigações jurídico-religiosas”. Apresenta a íntima conexão entre a religião e a política, características da história islâmica, sendo esta de difícil compreensão entre os ocidentais, acostumados a fazer uma absoluta separação entre esses dois domínios. Neste sentido, estes ensaios pontuam esta conexão.

A quarta parte é dedicada aos filósofos e consagra em suas páginas os dois maiores expoentes que floresceram no Oriente, Al- Fārābī e Ibn Sīnā (Avicena), e aos dois principais de Al-Andalus, Ibn Bājjah (Avempace) e Ibn Rušd (Averróis). Trazendo considerações acerca da filosofia helênica escrita em árabe.

A quinta parte se debruça sobre o vício filosófico-místico elaborado no Oriente e no Ocidente, mostrando a tradição mística no contexto islâmico e a sua dimensão esotérica. Na sexta e última parte, o livro faz uma análise da presença do Islã no judaísmo e no cristianismo imerso nas obras em circulação no mundo medieval.

Além dos trabalhos supracitados convém mencionar as contribuições do *CEAr – Centro de Estudos Árabes* que tem como objetivo a organização de eventos e, sobretudo, a publicação de obras referentes à Cultura Árabe em geral, com destaque para o intercâmbio Oriente/Ocidente. Este laboratório possui conexão com o Departamento de Estudios Árabes e Islámicos de la Universidad Autónoma de Madrid e, juntos, publicam através da revista *MIRANDUN* estudos acerca da literatura, filosofia, filologia e história.

Inclui-se nesta demanda as traduções de manuscritos, feitas diretamente do árabe para o português, como o das *Mil e uma Noites* (JAROUCHE, 2006), além das obras *Kalila e Dimna* (JAROUCHE, 2005), *Livro do Tigre e do Raposo* (JAROUCHE, 2010) e *O leão e o chacal Mergulhador* (JAROUCHE, 2009), como também de muitas outras que se encontram em circulação no mercado editorial. Além das múltiplas edições traduzidas para o português que encontramos de forma acessível, nos dias de hoje.

Além dos estudos gerais acerca da civilização árabe medieval e as obras pontuais supracitadas é possível perceber, partir da década de 80, o surgimento de diversos grupos de estudos e revistas, principalmente nas universidades americanas, que se concentraram na temática árabe medieval e se destacam com volumes e edições.

Segundo um levantamento feito em 2016 utilizando a plataforma *Capes*², foi possível perceber que desde a década de 80 as produções acerca do mundo árabe avançaram de forma quantitativa e qualitativa

Apesar do importante papel que as traduções destas obras sobre a civilização árabe medieval desempenharam no acesso aos estudos acerca do Oriente, esta iniciativa gerou um número ainda pequeno de pesquisas dentro dos programas de pós-graduação e na ampliação das temáticas orientais nas salas de aula, ainda não alcançando o mesmo status que as produções voltadas para o Ocidente medieval dentro destes espaços. Também possível perceber que as produções acerca do medievo oriental no Brasil, quando comparadas aos diversos grupos de estudos e revistas, principalmente nas universidades americanas e europeias também caminha a passos lentos, sendo predominantemente representadas por estudos ligados às letras e a literatura.

No cenário internacional temos como um dos exemplos pertinentes desta crescente demanda a revista internacional *Al-Masāq Journal of the Medieval Mediterranean* que abrange todos os aspectos das sociedades e culturas do Mediterrâneo a partir do quinto ao décimo quinto séculos d.C. promover a investigação intercultural e interdisciplinar, incentivando o debate sobre as fronteiras no Mediterrâneo Medieval.

Assim como a revista *Al-Masāq Journal of the Medieval Mediterranean*, outras também se destacam como a *Journal of Islamic Studies- Oxford Journal*. Contudo, dados significativos também partiram das publicações da *International Society for Iranian Studies (ISIS)*. Fundada em 1967 como uma sociedade acadêmica para apoiar e promover o campo dos Estudos Iranianos no nível internacional. Os objetivos da Sociedade são promover altos padrões de erudição no campo, incentivar o ensino de Estudos Iranianos nos níveis de pós-graduação e de graduação, e incentivar e facilitar o intercâmbio acadêmico entre seus membros internacionais.

² Este levantamento foi produzido ao longo do primeiro ano de doutoramento no Programa de Pós-Graduação de História na Universidade Federal Fluminense através das atividades de pesquisa I e II. Com o intuito de recolher dados acerca da temática definida para a pesquisa central, o levantamento utilizou-se de palavras-chaves como “Revolução Abássida”, “Ibn al-Muqaffa”, “Discurso político árabe medieval”, “Legitimação e autoridade árabe” para as buscas nas bases de dados.

Contudo, o número de pesquisas acerca de temáticas relacionadas ao mundo árabe medieval no Brasil ainda é limitado e esta ausência deve ser problematizada. Poucos são os núcleos de estudos ligados aos cursos de história que abrem espaços para temáticas que envolvam o Oriente. Segundo um levantamento utilizando palavras-chaves como revolução abássida, política árabe medieval, na plataforma da capes até o ano de 2016 temos como resultados as teses e dissertações produzidas e os números são:

4	Teses e dissertações USP
3	Teses e dissertações UFRJ
7	Teses e dissertações laboratórios externos
15	Artigos e publicações em anais Brasil
8	Journal of the American Oriental Society
23	Outros Periódicos
15	Al-Masāq Journal of the Medieval Mediterranean
13	Journal of Islamic Studies- Oxford Journal

Quantitativamente este cenário também se apresenta, por exemplo, até o ano de 2016 quando utilizamos as palavras-chaves “árabes no medievo” ou “árabes na Idade média” para buscas de teses e dissertações produzidas nas universidades do Brasil, não ultrapassando a casa das dezenas³. E ainda se acrescenta a estes dados à atuação em conjunto de outras áreas como a letras e filosofia.

O próprio currículo do ensino superior muitas vezes não abrange disciplinas que abordem questões e contextos relacionados ao Oriente e suas especificidades, assim como suas fontes, que se encontram já disponíveis e traduzidas para o português e em bases de dados digitais. Se esta ausência é suficientemente notada nos cursos de graduação e programas stricto sensu, quando se investiga a presença nas salas de aula do ensino básico, a situação é ainda pior.

Com a formação deficiente de profissionais neste campo de estudo e a tênue presença nos livros de didáticos, o desconhecimento acerca do mundo árabe medieval se

³ Dados coletados através de um levantamento de informações e materiais publicados até o ano de 2016 ao longo do desenvolvimento do doutorado.

estende desde as bases até o ensino superior, alimentando estereótipos clássicos e preconceitos acerca de histórias e culturas que são milenares.

Esta nova realidade histórica passou a coexistir e se relacionar com as diversas áreas das ciências sociais a fim de problematizar as temáticas que antes eram renegadas, ou por lacunas que ainda hoje temos que lidar, ou pela seleção tradicionalista acerca do que se compreendia por ciência história. Com isso, a historiografia, a partir de meados do século XX, amplificou suas áreas de interesse e mantém o ritmo até os dias de hoje.

O renascimento do interesse acerca da historiografia árabe no medievo e sua relevância no Ocidente contemporâneo fazem parte do novo cenário construído pela iniciativa dos Annales e suas gerações. É evidente que não se pode atribuir somente a este movimento o significativo aumento das produções acadêmicas, pesquisas e traduções voltadas para as temáticas do mundo árabe medieval. Fatores como o melhoramento das condições de deslocamento, redes de trocas de informações, acessibilidade aos idiomas e dialetos, bem como o trabalho arqueológico e o descobrimento de novas fontes históricas corroboraram de forma quantitativa e qualitativa desta temática em centros de estudos ao redor do mundo.

Entretanto, é notório o aumento, a partir da década de 50, da produção no Ocidente de obras de âmbito geral como também com temáticas específicas acerca do Oriente medieval. A criação de laboratórios como Arabi Society Latina, grupo de estudos Arabi sobre Ibn Arabi, pensador e estudioso sufi⁴ da cidade de Múrcia, Espanha, no século XI. Outra instituição importante é o Institutu Monde Arabe na França, seu acervo eletrônico categorizado por diversas revistas com 10 anos de publicações (1993 – 1999) e 11 volumes. Também na França a Université Paris – Panthéon Sorbone possui o instituto de pesquisas Bizantino, Islâmico e Mediterrâneo na Idade Média, seu acervo compreende 1300 itens, 30 periódicos, 600 teses entre dissertações de mestrado e DEA, índices, enciclopédias e atlas, além de 100 microfichas

Já na Espanha, devido conexão e raízes árabes possuiu um dos mais completos centros de pesquisa na Universidad Autónoma de Madri com o centro de estudos interdisciplinares em medievalismo hispânico, Programa de doutorado em Ciências

⁴ Corrente esotérica do pensamento islâmico que possui uma visão mística contemplativa e sutil da religião, prioriza os aspectos espirituais e do autoconhecimento por parte dos fiéis.

Humanas: Geografia, Antropologia y Estudos de África e Ásia e Programa doutorado em Estudos Hispânicos. Língua, literatura, história e pensamento.

Contudo, a historiografia árabe medieval no Brasil ainda se encontra em um estágio inicial. Poucas fontes estão disponíveis e traduzidas para o português e o acesso ao idioma árabe ainda é precário, o que dificulta o fomento de uma pluralidade de abordagens e temáticas. Quantitativamente este cenário também se apresenta, por exemplo, até o ano de 2016 o total de teses e dissertações produzidas nas universidades do Brasil e categorizadas sob as temáticas “árabes no medievo” ou “árabes na Idade média” não ultrapassam a casa das dezenas⁵. Os laboratórios e centros de pesquisas dedicados os estudos do medievo árabe também reduzidos e a maioria de suas demandas são ligadas às áreas de línguas, filosofia e filologia.

III. Bibliografia:

_____. *Livro das mil e uma noites*. Introdução, notas apêndice e tradução de Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Globo, 2006.

_____. *Kalila e Dimna*. Tradução, organização, introdução e notas Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo – Martins Fontes, 2005.

_____. *Livro do Tigre e do Raposo*. Tradução: Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Amaral Gurgel Editorial, 2010.

_____. *O leão e o chacal Mergulhador* / traduzido do árabe por Mamede Mustafá Jarouche. – São Paulo: Globo, 2009.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Tradução Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

AYAD, A.S. *A Civilização árabe*. Bahia: Fundação Gonçalo Moniz, 1965.

BISSIO, Beatriz. *Percepções do espaço no medievo islâmico (séc. XIV): o exemplo de Ibn Jaldún e Ibn Battuta*. Tese de doutorado na Universidade Federal Fluminense, 2007.

⁵ Dados coletados através de um levantamento de informações e materiais publicados até o ano de 2016 ao longo do desenvolvimento do doutorado.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BÜLENT PENAY. *Overview of World Religions Project*. Disponível em: <http://mb-soft.com/believe/ttw/hanafi.htm>. Acessado em 22/10/2013 às 22:14.

GIORDANI, Mário Curtis. *História do mundo árabe medieval*. Petrópolis, Vozes, 1976.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MANTRAN, Robert. *Expansão muçulmana: séculos VII-XII*/ Robert Mantran; tradução de Trude Von Laschan Solstein, São Paulo: Pioneira, 1977.

PEREIRA, Helena de Souza Pereira. *O Islã clássico: itinerários de uma cultura*. Org.: Rosalie. São Paulo: Perspectiva 2007.